

## Jornalismo literário e receção cognitiva da informação: Estudo exploratório com universitários portugueses

**Isabel Nery\***

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP, ISCSP), Universidade de Lisboa, Portugal

### RESUMO

Este artigo explora a relação entre a leitura de textos de jornalismo literário e a compreensão da informação, conhecimento essencial para a tomada de políticas públicas relativamente ao ensino e aos apoios à leitura. Partindo de uma revisão da literatura, optou-se depois por um questionário aplicado a cerca de 500 estudantes universitários e de um *focus group* nascido desses inquiridos. Com isso, aferiu-se o conhecimento sobre jornalismo literário, as preferências relativas à leitura em papel e dispositivos eletrónicos, além do impacto emocional da informação recebida. Os dados recolhidos permitiram concluir que os estudantes reconhecem o termo Jornalismo Literário e que este é causador de efeitos emocionais. No que toca aos hábitos de leitura de informação, os jovens preferem os meios digitais, mas admitem que a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente. Tanto que, quando o objetivo é uma leitura imersiva, 84 % preferem o papel.

**Palavras-chave:** Jornalismo Literário; Comunicação; Cognição; Leitura; Políticas Públicas

\* Contacto da autora: [isabel.nery@gmail.com](mailto:isabel.nery@gmail.com)

**ABSTRACT**

This article explores the relationship between reading literary journalism texts and understanding information, vital to public policies regarding literacy and reading supporting measures. Starting from a literature review, we then chose a questionnaire applied to around 500 university students and a focus group created by these respondents. With this, we have asserted knowledge about literary journalism, preferences regarding reading on paper and electronic devices, as well as the emotional impact of the information received. The data collected allowed us to conclude that students recognize the term Literary Journalism and that it causes emotional effects. When it comes to information reading habits, young people prefer digital media, but admit that reading on paper or electronic devices is different. So much so that, when the purpose is immersive reading, 84% prefer paper.

**Keywords:** Literary Journalism; Communication; Cognition; Reading; Public Policies

**Introdução**

Os permanentes avanços tecnológicos têm alterado os hábitos de consumo de *me-dia*. No entanto, o “excesso” de informação possibilitado pelas facilidades tecnológicas começa também a ser identificado como um “fardo” para os leitores (Lee et al., 2017). Muitos consumidores de informação manifestam-se esmagados pela quantidade de notícias. Tal sensação, provocada em parte pela impossibilidade cognitiva de abarcar tanta informação, acarreta o perigo de os leitores evitarem notícias.

Em Portugal, como noutros países, as redes sociais tornaram-se uma das principais fontes de informação (Gustavo et al., 2023). E enquanto as redes sociais crescem como fonte de informação primordial, as vendas dos meios em papel descem (Andi et al., 2020), com prejuízo para os resultados escolares entre a população mais jovem (Hassel et al., 2016). Por um lado, a informação é passada de forma menos estática tornando-se mais interessante do que os sites tradicionais. Por outro, constata-se problemas de aprendizagem e alteração da percepção das capacidades individuais, na medida em que a competição entre a facilidade do que é partilhado nas redes e a exigência necessária ao estudo e à leitura imersiva podem levar à desistência de prosseguir tarefas académicas mais complexas.

Tendo em conta a tendência crescente para substituir os livros em papel por formatos digitais nos vários níveis de ensino, um melhor conhecimento sobre a relação dos leitores com dispositivos no que toca à leitura imersiva, essencial para a aprendizagem, afigura-se relevante para as políticas públicas de educação. Entendidas como ações e programas implementados para atender às necessidades da população, as políticas públicas têm por missão solucionar problemas sociais, sendo um dos seus pilares as políticas de educação. Diagnosticar questões surgidas

com os novos formatos digitais permitirá encontrar caminhos para promover a leitura e o pensamento crítico, nomeadamente nas camadas mais jovens.

Utilizando diários (*time-diary*) e um inquérito, Jacobsen e Forste (2010) concluíram que o uso de *media* eletrónica está associado de forma negativa às notas académicas dos estudantes. Por cada hora de exposição a meios eletrónicos, a média das notas dos universitários reduzia entre 0.05 a 0.07 pontos (Coyne et al., 2013).

O efeito de distração (Hassel, 2016) pode ser uma das explicações para esta relação negativa. Porém, é igualmente preocupante o facto de estar associada à desistência dos jovens quando estão perante tarefas mais complexas, já que as redes sociais permitem um alívio imediato dessa pressão, proporcionando prazer e distração sem esforço.

Neste contexto, pode ser de especial interesse o foco num género que precisa de tempo, empenho e capacidade crítica, tanto do jornalista, como do leitor, e que impele à reflexão: “O jornalismo literário tornou-se parte da tradição de espalhar o conceito de valor notícia. Como tal é parte de uma evolução no sentido da redução de falhas de informação e de conhecimento entre os cidadãos de todo o mundo” (Trindade, 2012, p. 101).

Não sendo novo, o jornalismo literário reemerge em períodos de crise (Hartsock, 2000), parecendo indicar uma constância no interesse dos recetores de informação ao longo do tempo. Por isso, entendeu-se que a comparação entre as reações a textos jornalísticos de estilo noticioso e literário poderia contribuir para a discussão. Focamos a análise na comparação entre jornalismo literário e noticioso com o objetivo principal de encontrar explicações para a escolha da leitura de um determinado artigo.

Com isso, pretendemos dar resposta a algumas questões que consideramos pertinentes relativamente à forma como a informação é encarada pelos leitores mais jovens. Será a informação recepcionada de forma distinta por ter sido adquirida com a leitura de um texto noticioso ou de um texto de jornalismo literário? Haverá reações diferentes à leitura em papel ou em dispositivos eletrónicos? Sabem os leitores distinguir os conteúdos jornalísticos que lhes são apresentados?

Um olhar mais atento às pesquisas na área da cognição pode ajudar a responder. Estudiosos do impacto da leitura na mente (Cunningham & Stanovich, 2001) têm vindo a detectar consequências cognitivas que se estendem para além da tarefa imediata de dar significado a uma mensagem. Raymond Mar (2011), um dos investigadores que mais analisou imagens de ressonância magnética para compreender a teoria da mente (interações com outros e construção de mapas de intenções alheias), concluiu que há uma relação entre quem lê ficção frequentemente e a capacidade de ter empatia e ver o mundo na perspetiva do outro. Em 2010, o in-

vestigador encontrou resultados semelhantes para crianças em idade pré-escolar. Quanto mais histórias lhes tinham sido lidas, melhor era a sua relação empática.

Além das emoções e das reações do cérebro à informação, releva considerar a importância do meio (McLuhan, 1964). Mangen e Kuiken (2014) examinaram a leitura de texto numa brochura e em *ipad*, para concluir que a noção de localização foi afetada, causando alguma estranheza em relação aos conteúdos que exigiam a manipulação do dispositivo. De acordo com esta investigação, a forma como lemos é moldada pelas tecnologias que usamos. No papel, os textos obrigam a uma relação sensorial e motora com o leitor que é diferente da estabelecida nos textos em computador, *tablet* ou monitor. Estes autores entendem que uma leitura menos física (sem contacto com o papel) pode impedir a imersão no mundo da narrativa.

Deste estado da arte resulta que pode existir uma relação entre o meio (dispositivo eletrónico ou papel) e a compreensão de um texto, mas também que a imersão da leitura está correlacionada com a emoção sentida perante o conteúdo, o que imprime especial relevo ao estudo do impacto do jornalismo literário nos leitores.

## 1. Notícias, Jornalismo Literário, Cognição e Leitura

A relação entre jornalismo literário e noticioso é aqui importante na medida em que ao primeiro se atribui um tipo de leitura imersiva, que implica maior envolvimento (inclusive emocional) do leitor, enquanto o segundo depende de uma relação mais casual e rápida com o recetor, sobretudo no tempo em que as tecnologias convidam tantas vezes a leituras em modo *scan* (Mar & Fong, 2011).

Alguns investigadores (Lemann, 2015; Keeble, 2018) criticam a ênfase excessiva no estilo narrativo para distinguir o jornalismo literário do noticioso, considerando que um dos aspetos mais diferenciadores é a função social de histórias rígoras e de profundidade como as tratadas pelo jornalismo literário (Hunter, 2013).

O jornalismo literário é um género agente de mudança, apelando à ação de quem o lê (Trindade, 2016), podendo por isso ter impacto social diferente do jornalismo noticioso. O jornalismo ajuda os cidadãos a lidarem com um mundo cada vez mais complexo, contribuindo para a consciencialização dos problemas sociais (Soares, 2017).

Nos seus fundamentos, a Associação Internacional de Estudos de Jornalismo Literário (IALJS) declara entender a área não como signficante de “jornalismo sobre literatura”, mas sim “jornalismo como literatura”.

A nuance é importante para enfatizar a ideia de que se trata de jornalismo, não de ficção, reportando os factos de forma literária. Isto é, a diferença está no formato e não no conteúdo, nem na ética a que o jornalismo obriga (ao contrário

do que acontece com a ficção, em que os seus autores são livres na forma e no conteúdo).

O objetivo da não ficção criativa é comunicar informação, mas trabalhando-a de forma a que se leia como um romance. O jornalismo literário dá aos autores mais liberdade artística — não em relação à verdade, mas na construção da história (Gutkind, 2007).

Porque o termo é passível de controvérsia (Soares, 2017; Trindade, 2016), importa determo-nos um pouco nas origens do jornalismo literário. Muitas vezes associado a Tom Wolfe, a verdade é que o seu nascimento remonta a períodos anteriores (Soares, 2017, Abrahamson, 2005; Jacobson et al., 2016).

Tom Wolfe, um dos impulsionadores do jornalismo literário, elencou assim as suas principais características (Connery, 1992; Jacobson et al., 2016):

- (1) Descrição de cenas que levam o leitor a seguir os movimentos das personagens, com detalhes das suas experiências físicas e emocionais;
- (2) Uso de discurso direto, sem anular o vernáculo ou o vocabulário próprio dos entrevistados em vez do discurso limpo do jornalista, humanizando os personagens das histórias;
- (3) Pontos de vista de terceiros (não necessariamente os do jornalista);
- (4) Uso de detalhes que ajudam a definir o estatuto e estilo de vida dos personagens. Através destas descrições o leitor pode encontrar padrões de comportamento e perceber o papel social das pessoas descritas.

Vários autores (Inácio & Trindade, 2017) notam que encontrar a verdade nos detalhes da vida real e do quotidiano, num esforço para ir ao encontro do cidadão comum, é uma das mais importantes características do jornalismo literário. Ou, como diz Sims (1995), o jornalismo que homenageia os simples:

O Jornalismo Literário une a frieza dos factos com os eventos pessoais, na companhia humana do autor. E isso alarga as perspetivas dos leitores, permite-lhes abranger as vidas de outros, muitas vezes de um contexto longínquo. O processo leva os leitores e os escritores a um processo de consciencialização, compaixão, e no melhor dos cenários, sabedoria. (Sims, 1995, p. 34)

O jornalismo literário pode ser um instrumento de poder, na medida em que ajuda a compreender a complexidade social em que vivemos, sendo, por isso, um convite à ação (Sims, 1995).

Foram já muitos os que se dedicaram a categorizar e identificar o jornalismo literário. O que fica claro em todas as tentativas de definição é que não pode haver

dúvidas de que se trata de informação. Caso contrário, a expressão “jornalismo” não teria cabimento. Mas como é que os leitores lidam com a informação?

Embora haja ainda muito caminho a desbravar sobre a cognição de textos jornalísticos, as neurociências parecem justificar uma necessidade “natural” para obter informação (Bromberg-Martin Hikosaka, 2009). Além disso, algumas reações neuropsicológicas à informação colocam-na em estreita ligação com as emoções (Mar e Fong, 2011; Damásio, 2017).

Sabemos, porém, que a leitura de ficção narrativa promove uma maior retenção de vocabulário do que a leitura de não-ficção, o que, para Mar e Fong (2011) está relacionado com o facto de a emoção tornar a informação mais memorável. Já a leitura rápida e em modo *scan* dificulta a interpretação, levando a argumentações mais exíguas e acrílicas do mundo que nos rodeia.

Alguns estudos (Phillips, 2011) sugerem que no caso da literatura se verifica um aumento global no fluxo sanguíneo durante a leitura atenta, permitindo inferir que a atenção a textos literários requer a coordenação de múltiplas funções cognitivas complexas. Mas os sentimentos de estética e narrativa também interagem para produzir metáforas de identificação pessoal que modificam o autoconhecimento (Miall & Kuiken, 2002).

Se há área em permanente atualização é a da interseção entre jornalismo, leitura e cognição. Uma investigação (Mangen et al., 2013) que observou as consequências da leitura em papel e num monitor permitiu concluir que a leitura em dispositivos eletrónicos leva a uma pior compreensão do que é lido do que quando o suporte é o papel.

Resumida na célebre máxima *Media is the message* estava a ideia de McLuhan (1964) de que os efeitos cognitivos serão diferentes consoante o meio (que depois classifica em frios e quentes, de acordo com o grau de envolvimento dos sentidos).

McLuhan entendia que a tecnologia implica especificidades temporais e espaciais a que correspondem diferentes perceções por parte do recetor (Holmes, 2005). Mas ao começar a analisar o uso de meios como o computador, McLuhan afasta-se do discurso inicial de leitores, ouvintes e espetadores em que o meio é a mensagem, para um discurso posterior em que o utilizador é o próprio conteúdo em todos os meios, questionando-se se a transmissão de informação em papel ou em dispositivos tecnológicos pode ter diferentes impactos neurológicos (Holmes, 2005 e Mangen et al., 2013).

O jornalismo literário implica uma abordagem menos linear da informação (Hartsock, 2000). Não se trata tanto de seguir a lógica da pirâmide invertida, mas do prazer da leitura num texto baseado em factos e acontecimentos comprováveis (Sims, 1995; Abrahamson, 2005; Trindade, 2016), sendo também por isso útil aliar métodos qualitativos e quantitativos, como se detalha em seguida.

## 2. Opções Metodológicas

O poder da comunicação, ainda que reconhecido por todos, não é facilmente medível, pelo que quantificar pode não ser suficiente (Brennen, 2017). Entendemos, assim, que as relações significantes deveriam ser coadjuvadas por um método misto de investigação. A abordagem com questionário e *focus group* visou explorar de forma mais completa as respostas e reações aos tipos de textos jornalísticos em estudo.

### 2.1 Questionário e Focus Group

Aplicou-se um inquérito por questionário online a que responderam 476 estudantes universitários e posteriormente fizeram-se entrevistas semiestruturadas a cinco dos respondentes que aceitaram participar num *focus group*.

No final do questionário pediu-se aos alunos que indicassem a sua disponibilidade para participar numa entrevista de cerca de 20 minutos. Com isso, pretendeu-se cruzar a recolha quantitativa do questionário com a análise qualitativa permitida pelo contacto presencial no *focus group*. Os voluntários foram selecionados com base na sua disponibilidade, mas também de forma a garantir representatividade de género e idade, bem como variedade de cursos de origem.

### 2.2 Procedimentos

Foi pedido a um universo de 1571 alunos do I ciclo (Licenciatura) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) em horário diurno que respondessem a várias questões online sobre os seus hábitos de leitura de jornais, a preferência por suportes informativos em papel ou digitais, mas também o conhecimento e interesse por textos de jornalismo literário, bem como o tempo ocupado com a leitura de ficção e de não ficção.

O questionário foi aplicado através do sistema *Survey Monkey* a alunos do ISCSP, por conveniência e facilidade de acesso a estudantes de vários cursos, já que não se pretendia restringir o estudo a alunos de Ciências da Comunicação, possivelmente mais sensibilizados para o tema. Num universo de 1571 indivíduos, a taxa de resposta, com 476 inquéritos preenchidos, foi de 30 por cento.

Os estudantes leram a mesma informação tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois discutirem sobre as diferenças que tinham encontrado; com que texto se sentiam mais informados; que emoções lhes provocaram as leituras e qual dos estilos lhes permitia reter melhor a informação lida.

Antes da análise em *focus group*, os estudantes leram uma passagem selecionada do texto *Hiroshima*, de John Hersey, considerado um autor clássico e consagrado de jornalismo literário (Boynton, 2005; Connery, 1992; Trindade, 2006).

A passagem da reportagem *Hiroshima*, com cerca de seis mil caracteres (duas páginas) foi retirada da tradução portuguesa (Edições Antígona, 1997) e por nós posteriormente transformada em texto noticioso, ou seja, limpa de sensações do autor, mantendo-se apenas as descrições factuais, o que resultou num artigo com cerca de três mil caracteres (uma página).

Ambos os textos tinham exatamente a mesma informação factual (por exemplo, o número de mortos ou o número de habitantes e localidades), variando apenas a forma como a informação era dada, bem como a estrutura e qualidade narrativas.

No caso do texto noticioso, obedecendo à regra da pirâmide invertida, começa pela informação mais relevante e factual (“a cidade de Hiroshima, com 245 mil habitantes, foi alvo de um ataque nuclear”), enquanto o texto original, de jornalismo literário, arranca com uma passagem narrativa, descritiva (“um imenso clarão cortou o céu”).

De um total de 40 perguntas, 20 eram sobre hábitos de consumo de informação, seis especificamente sobre jornalismo literário e duas sobre leitura de ficção e não ficção. Neste artigo, focamo-nos nestas últimas.

O *focus group* foi proposto a oito alunos de Licenciatura que se mostraram interessados em participar depois de responderem ao questionário, onde constava uma pergunta sobre a sua disponibilidade, mas, por falta de comparência, foi realizado com cinco estudantes. Frequentam os cursos de Ciência Política (um), Administração Pública (um), Relações Internacionais (dois) e Serviço Social (um). Têm entre 19 e 45 anos. Três são do sexo feminino e dois do sexo masculino.

Foi ainda solicitado a todos os estudantes que sublinhassem em ambos os textos as frases que os tinham marcado ou impressionado mais. Com isso, pretendia-se aferir o que os indivíduos da amostra mais valorizavam naquilo que tinham acabado de ler, bem como avaliar se havia coincidência de escolhas dentro do grupo.

**TABELA 1** Codificação de participantes

PARTICIPANTE	SEXO	IDADE	ANO	CURSO
A	F	22	3.º	Serviço Social
B	F	19	1.º	Ciência Política
C	M	45	NR	Administração Pública
D	M	42	2.º	Relações Internacionais
E	F	19	1.º	Relações Internacionais

### 3. Resultados

#### 3.1 Questionário

##### 3.1.1 Caracterização Sociodemográfica

Os respondentes ao questionário são alunos de primeiro, segundo e terceiro anos do ISCSP. A maioria (37%) estão no 1.º ano, seguidos dos estudantes do 2.º ano (31,75%), sendo os do 3.º ano (30,89%) os que menos responderam.

Maioritariamente (78,4%) são do sexo feminino, o que está em linha com o perfil dos alunos do instituto. Os jovens que participaram têm, em média, 23 anos e registaram uma média de curso entre os 12 e os 15 valores. Frequentam sobretudo os cursos de Serviço Social (18,87%), Relações Internacionais (18,22%), Administração Pública (17,57%) e Gestão de Recursos Humanos (14,53%).

##### 3.1.2 Análise de dados: Questionário

A internet, o telemóvel e o computador são os grandes vencedores no que toca à importância dada pelos jovens aos meios de informação. Mais de 20% afirmam usar as redes sociais para a busca de informação e notícias. Apesar disso, cerca de 40% consideram os jornais “moderadamente” e “muito importantes”. Dado que contrasta com a disponibilidade (reduzida) para a compra de informação.

A internet é o meio preferido por 77% dos jovens, seguida a longa distância (16%) pela televisão e, apenas em terceiro e longínquo lugar, pelos jornais (3%). Interessante notar a importância que a televisão parece continuar a ter (16%), embora a grande distância da internet.

Há uma ligeira preferência (53%) pelos jornais online em relação ao papel (46,8%). No entanto, tendo em conta a idade jovem dos respondentes poderia esperar-se uma diferença maior entre os dois suportes de informação.

Uma significativa percentagem de mais de 53% dos estudantes afirma que nunca lê diários em papel, seguidos de 29% que afirmam lê-los uma vez por semana.

No caso da internet, a leitura está mais distribuída pelas várias possibilidades propostas do que em relação à leitura em papel, mas com elevada percentagem a afirmar que nunca (28,5%) lê jornais.

A resposta a esta questão vem na linha da anterior, com uma clara maioria (66%) a considerar que os jornais online substituirão o papel.

A maioria (66,4%) declara-se indisponível para pagar por informação online. Apesar disso, não são de menosprezar os mais de 30% que se dizem disponíveis para vir a pagar por conteúdos noticiosos online.

A maioria (31,9%) afirma que a Informação é o seu tipo de conteúdo favorito, seguido a alguma distância, com 24%, dos filmes e séries.

Apesar da afirmada preferência pelos jornais online, estes dados indicam uma impressionante percentagem de mais de 90 % dos jovens para quem a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente. Mais importante do que isso: é qualitativamente diferente, como demonstram as repostas à questão seguinte.

Dos jovens inquiridos, 75 % estão convictos de que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação. O facto de se tratar de estudantes universitários, habituados a ler extensamente para se prepararem para as provas académicas, indicia a importância relativa desta resposta. Apesar das dúvidas que subsistem relativamente aos efeitos dos dispositivos escolhidos para ler, os jovens parecem acreditar que quando o objetivo é assimilar informação, o meio (papel) pode fazer a diferença.

Na mesma lógica, para uma leitura imersiva (memorização, estudo ou compreensão de um tema) 83,7 % dos jovens universitários escolhem o papel. Apenas 13 % da amostra considera indiferente e só 3,2 % optariam pelo dispositivo eletrónico.

A maioria dos estudantes (cerca de 400 numa amostra de 476) afirma ocupar entre 15 minutos a 1 hora por dia com a leitura de não ficção, para além do tempo gasto com textos académicos.

A leitura de ficção fica para uns escassos 15 minutos diários para mais de metade (51 %) dos jovens. Até 30 minutos para 21,7 % e até uma hora para 16,4 por cento.

A maioria dos estudantes diz desconhecer o termo “jornalismo literário”, embora mais de 70 % acertem na definição proposta como correta (“Jornalismo que reporta factos num estilo literário”). A maioria (64 %) afirma não saber se leu alguma vez jornalismo literário, assumindo a dificuldade de identificação do género.

De referir que 167 alunos optaram por não responder a esta questão, o que pode estar associado ao desconhecimento teórico que sentem em relação ao tema.

### 3.2 Análise de Dados: *Focus Group*

A discussão com o *focus group* partiu com as seguintes questões: Conhecem o texto e/ou o autor? Quais são as principais diferenças entre os dois textos? A que atribuem essas diferenças (à forma como está escrito, ao conteúdo, aos detalhes)? Com qual dos textos se sentiram mais bem informados? De que texto gostaram mais? Qual dos textos causou emoção? Que tipo de emoção? Qual dos textos ficou mais na memória? Qual associam a “prazer de leitura”?

O texto UM (jornalismo literário) demorou a cada estudante entre três minutos e meio a quatro minutos e meio a ler, enquanto para o texto DOIS (jornalismo noticioso) os alunos precisaram apenas de um minuto e meio a dois minutos. A

diferença era expectável, na medida em que o tamanho dos excertos era diferente. O primeiro tinha seis mil caracteres e o segundo três mil.

Nenhum dos cinco estudantes conseguiu identificar o texto ou o seu autor, embora tenham percebido de imediato tratar-se de um artigo sobre a bomba nuclear em Hiroshima.

Todos os estudantes souberam diferenciar o estilo dos dois artigos. Alguns disseram que poderia tratar-se de uma peça de jornalismo literário ou de um texto retirado de um romance histórico.

No texto DOIS identificaram diferenças como parágrafos pequenos e descrições “objetivas, concisas e claras” (participante A, B, D). Todos consideraram o texto UM mais “envolvente” e alguns usaram até a palavra “traumático” (participante C) para o descrever.

De acordo com os participantes, a percepção dos factos só acontece mais à frente na leitura do texto UM, ao contrário do texto DOIS, que identifica logo o assunto, característica condizente com o objetivo da estrutura em pirâmide invertida dos artigos noticiosos.

Alguns alunos, embora nem todos, identificaram o texto UM como tendo também muitos dados concretos, estando apenas estruturados de forma diferente. Para descrever este texto foram usadas expressões como “assertivo” (participante C) e “informativo” (participante E).

A maioria dos alunos concordou que os dois artigos tinham “objetivos” diferentes. Para alguns, o texto DOIS (noticioso) era mais informativo. Este pormenor é interessante, na medida em que ambos os artigos tinham exatamente a mesma informação (número de mortos, número de feridos e locais, por exemplo).

Esta constatação leva-nos a ponderar a hipótese de a estrutura dos textos ter um impacto mais importante do que geralmente se pressupõe, nomeadamente podendo alterar a percepção e memória sobre o conteúdo lido. Um dos participantes (C) notou: “Com o texto UM ficamos mais envolvidos, mas não reparamos tanto na informação”, sendo secundado pelos restantes nesta afirmação.

O impacto emocional do texto UM (jornalismo literário) foi genericamente aceite, mas a preferência em relação ao mesmo texto não foi unânime. Uma das alunas (participante A) referiu a importância do objetivo da leitura para definir de que narrativa gostou mais.

Este ponto leva-nos à questão da expectativa, que teve peso para este grupo de leitores. Se encontrassem o texto UM numa revista ficariam satisfeitos, se fosse num jornal estariam à espera de uma leitura rápida e não lhe dariam a mesma importância. Tal diferença pode ser útil para averiguar a relevância do meio na receção de informação.

No que toca ao prazer e emoções causadas pela leitura, o grupo concordou em considerar que só o texto UM (jornalismo literário) “faz sentir como se estivéssemos lá” (participantes B e C), um dos objetivos assumidos do jornalismo literário e do género reportagem.

Um dos participantes (C) descreveu assim o texto UM: “Narrativa mais elaborada, sensorial, quase consigo sentir o cheiro da carne das pessoas queimadas. Senti mesmo sem estar lá”. Para um autor que pretenda escrever jornalismo literário, esta observação seria a prova de que o objetivo do seu trabalho fora atingido.

Outra observação relacionou o texto UM como convidando a agir perante o que se lê (participantes A, C e D). Tendo em conta que o jornalismo literário se pauta pela intervenção social e consciencialização dos leitores para o mundo que os rodeia, esta observação é digna de nota.

Relativamente ao prazer da leitura, parece ter havido alguma distinção. Os dois alunos mais velhos optariam claramente pelo texto UM, enquanto os restantes relataram cansaço por textos densos devido ao estudo, tendendo para o texto DOIS, que os informa mais rapidamente e com menos esforço imersivo. Mesmo assim, só uma aluna (participante A) admitiu que o texto noticioso lhe daria mais prazer a ler do que o jornalismo literário, tendo também sido a única a referir que não gosta de ler ficção.

A maioria elegeu o artigo de jornalismo literário para ler, mas uma participante (E) fez depender a escolha do contexto: se fosse para uma pesquisa optaria pelo texto noticioso; se estivesse de férias, pelo texto de jornalismo literário. A distinção é interessante na medida em que o artigo é sobre a bomba nuclear e as suas consequências em Hiroshima. Apesar da densidade do tema, a aluna escolheu-lo-ia como leitura de férias, algo que poderá estar relacionado com o prazer da leitura do jornalismo literário — apesar da dureza dos temas tratados —, mas também com a maior disponibilidade para a leitura fora do período letivo.

A seleção das frases impactantes a sublinhar foi a única tarefa que resultou em escolhas completamente díspares para cada um dos cinco participantes. Uns fizeram notar a força da repetição da última frase, outros o número de mortos, outros a nuvem de poeira, o médico puxado pela manga, a angústia dos profissionais, impotentes perante a desgraça, ou o silêncio, apesar da explosão de uma bomba.

Esta total discrepância, possivelmente em parte atribuível à riqueza descritiva e emocional do texto, pode também ser reveladora da relação pessoal que cada leitor estabelece com aquilo que lê.

#### **4. Discussão dos Resultados**

A clara preferência pelo consumo de informação através da internet (77%) e das redes sociais (mais de 20%), em detrimento dos jornais, está em conformidade

com outros estudos, nomeadamente os relatórios Obercom. Em 2023, 73,6% dos portugueses diziam utilizar Internet, enquanto em 2016 essa percentagem era de 67,4%, e em 2002 de 19,4% (Cardoso et al., 2023). A consulta de notícias online acontece de forma frequente ao longo do dia, sendo as redes sociais utilizadas como principal fonte por 18,8% dos portugueses, em contraste com a imprensa (em papel) como principal fonte de notícias para apenas 4,2% da população (Cardoso et al., 2023).

Este ponto é digno de nota se cruzado com os respondentes do nosso questionário que nunca leem jornais em papel (54%). De facto, as redes sociais têm vindo a tornar-se uma das principais fontes de informação, especialmente para os jovens.

Apesar disso, entre os nosso inquiridos, mais de 40% consideram os jornais “moderadamente” e “muito importantes”, dado que contrasta com a disponibilidade (reduzida) para a compra de jornais, até porque 65% consideram que os jornais online substituirão o papel e mais de 66% declara-se indisponível para pagar por informação online. Estas respostas são consentâneas com os levantamentos Obercom, segundo os quais Portugal é um dos países onde menos se paga por notícias, com apenas 10,9% dos leitores a admitir ter pago por notícias em formato digital (Cardoso et al., 2023).

Apesar da afirmada preferência pelos conteúdos online e na palma da mão, mais de 90% dos respondentes do nosso questionário consideram que a leitura em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente e mais de 74% entendem que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação. Para uma leitura imersiva, 84% optariam pelo papel, dado com especial relevância numa população com média de idades de 22 anos.

Embora possam parecer incoerentes, as respostas dos inquiridos vão ao encontro de vários estudos (Mangen e Kuiken, 2014), que constataram a relação mais sensorial da leitura em papel e a redução de imersividade com dispositivos eletrónicos.

Surge, aliás, alguma evidência de que até os recetores mais especializados, como estudantes ou investigadores, são leitores diferentes quando perante um texto apresentado em papel ou em formato digital. Preocupante é o facto de a consequência poder ser a de pior compreensão do texto (Mangen et al., 2013) quando lido em formato digital. Para efeitos de aprendizagem, estudantes questionados tanto nos EUA como no México afirmam que preferem ler em papel e que a leitura digital está limitada a uma hora de concentração (Cull, 2011).

Apesar de algumas contradições, com diversos estudos a apontarem para a vantagem do texto impresso, enquanto outros favorecem o digital, meta-análises como as de Delgado et al. (2018) permitem conclusões sustentadas: quem lê em computador teve piores resultados nos testes escolares do que os leitores de pa-

pel; há uma inferioridade dos ecrãs, com mais baixos níveis de compreensão para textos digitais; há uma correlação negativa entre a frequência de leitura digital e a compreensão do texto; *scrolling* pode adicionar uma sobrecarga cognitiva à função da leitura, dificultando a orientação espacial no texto não impresso.

A evidência científica sugere, para já, a vantagem da leitura em papel. Tem-se verificado que as preferências por papel sobre a leitura digital persistem apesar dos avanços tecnológicos e a mera experiência com tecnologia não melhora as capacidades de compreensão dos estudantes, tendo até um efeito prejudicial, pelo que se sugere cautela, por exemplo, quanto à introdução do digital nas salas de aula (Delgado et al., 2018 e Silva, 2019).

Veja-se a propósito o caso da Suécia, que em 2023 fez manchete em jornais de vários países do mundo devido à inversão de políticas públicas relativamente à leitura e aprendizagem em dispositivos eletrónicos. Apesar de ser um dos Estados que mais investiu na aprendizagem digital, com os ecrãs a substituírem os livros em papel nos últimos 15 anos, os organismos públicos responsáveis pelas políticas de educação anunciaram um apoio extraordinário para o regresso aos manuais tradicionais: 60 milhões de euros em 2023 e 45 milhões por ano em 2024 e 2025 para acelerar o regresso às escolas dos livros em papel. A medida da Agência Nacional de Educação foi tomada com base no aconselhamento de profissionais de saúde, preocupados com a substituição demasiado rápida do papel por ecrãs. O objetivo passou a ser garantir um livro por disciplina a cada aluno (Hivert, 2023).

Entre os estudiosos subsistem ainda dúvidas relativamente aos efeitos dos dispositivos escolhidos para ler, mas os jovens da nossa amostra parecem ter tomado a sua decisão: se o objetivo é assimilar informação, o meio (papel) pode fazer a diferença.

Quanto aos conhecimentos sobre Jornalismo Literário, tanto os respondentes ao questionário como os participantes no *focus group* indicaram desconhecer o termo. No entanto, 70% souberam descrevê-lo como “Jornalismo que reporta factos num estilo literário”.

Se atentarmos na dificuldade de definição entre os próprios peritos (Trindade, 2016; Hartsock, 2000), bem como na escassez de produção científica sobre jornalismo literário em alguns países (Abrahamson, 2005), não será de estranhar a falta de confiança dos jovens portugueses relativamente ao tema.

De referir que, durante o *focus group*, confrontados com os dois formatos (jornalismo literário e noticioso), os participantes foram claros nas distinções detetadas, na linha dos especialistas no que toca à leitura de jornalismo literário como um romance (Gutkind, 2007), bem como à envolvimento, sensação de estar lá e impacto emocional criado pelas imagens que o texto permite (Giles e Hitch, 2017; Sigman, 2018).

Como notado por alguns participantes no *focus group*, que referiram a capacidade de impelir à ação do texto de jornalismo literário, também Trindade (2012) e Sims (1995) encaram o gênero como antídoto contra a informação falsa e como instrumento de poder, na medida em que convida a um processo de conscientização do que nos rodeia.

A disparidade na escolha de passagens mais marcantes do texto de jornalismo literário proposto pode indicar que as vivências, as memórias, e o próprio conhecimento tendem a tornar a recepção de um artigo diferente para cada leitor. Este é, aliás, um dado a merecer novos estudos, como contributo para a compreensão da recepção individual dos textos de comunicação (Nery, 2021).

## Conclusões

Analisamos o consumo de textos de informação, tentando perceber melhor os mecanismos que levam os leitores a interessarem-se por um determinado artigo.

A análise o baseou-se num questionário aplicado a alunos universitários, cerca de 500, a quem foi pedido que respondessem a várias perguntas sobre os seus hábitos de leitura de jornais, a preferência por suportes informativos em papel ou digitais, mas também o conhecimento e interesse por textos de jornalismo literário, bem como o tempo ocupado com a leitura de ficção e de não ficção.

Para melhor aferir a relevância e o valor atribuídos a diferentes tipos de comunicação, aliaram-se as respostas do questionário à discussão em *focus group*, pedindo-se a cinco estudantes universitários que lessem a mesma informação tratada de forma noticiosa e em estilo de jornalismo literário, para depois discutirem: que diferenças tinham encontrado; com que texto se sentiam melhor informados; que emoções lhes provocaram as leituras e qual dos estilos lhes permitia reter melhor a informação lida.

Com o estudo desta interseção entre jornalismo, leitura e cognição pretendeu-se contribuir para a compreensão dos mecanismos de escolha e apetência por textos de informação, aferindo da diferença da recepção entre conteúdos de jornalismo literário por comparação com conteúdos noticiosos.

As respostas ao questionário e a discussão em *focus group* permitiram observar que:

- (1) Embora saibam defini-lo corretamente, o termo Jornalismo Literário é desconhecido da maioria dos estudantes;
- (2) O impacto emocional do texto de Jornalismo Literário foi admitido pela maioria no *Focus Group*;
- (3) A amostra afirmou uma clara preferência pelo consumo de informação através da internet (77%) e das redes sociais (mais de 20%);

- (4) Apesar disso, mais de 90% dos respondentes do nosso questionário consideram que a leitura em papel ou dispositivos eletrônicos é diferente;
- (5) Cerca de 74% entendem que a leitura em papel lhes permite assimilar melhor a informação;
- (6) Para uma leitura imersiva, 84% preferem o papel;
- (7) Embora tendo sido claros na sua preferência por consumo de notícias online, os estudantes foram ainda mais enfáticos na sua escolha por leitura em papel quando o pretendido é a imersão e compreensão de um texto.

Tendo em conta a tendência para a tomada de políticas públicas de educação que favorecem a utilização de dispositivos eletrônicos para consulta e utilização de, por exemplo, manuais escolares, a aparente contradição detetada pela nossa pesquisa parece-nos merecedora de futuros estudos, nomeadamente com novos questionários mais dedicados à relação entre jornalismo, leitura, educação e literacia para os média.

Por outro lado, dada a relevância do jornalismo literário relativamente a questões de igualdade social, afigura-se pertinente procurar aferir até que ponto uma maior consciência do que significa jornalismo literário poderia relacionar-se com níveis de leitura e de melhor capacidade para compreender temas basilares das políticas públicas, como a educação, a saúde ou a discriminação.

Se os jovens valorizam tanto os dispositivos eletrônicos, ao mesmo tempo que admitem de forma esmagadora a melhor compreensão de conteúdos lidos em papel, poderemos estar perante um grave problema de transmissão de conhecimento para as próximas gerações. Até porque é a informação que leva ao conhecimento.

## Referências

- Abrahamson, D. (2005). Teaching Literary Journalism: A Diverted Pyramid? *Journalism & Mass Communication Educator*, 60, 4, 429-434.
- Andi, S., Newman, N., Fletcher, Nielsen, R. K., Shulz A., (2020). Reuters institute digital news report 2020. *Report of the Reuters Institute for the Study of Journalism*.
- Boynton, R. S. (2005). *The New New Journalism - Conversations with America's Best Non-fiction Writers on their Craft*. Vintage Books
- Brennen, B. (2017). *Qualitative Research Methods for Media Studies* (2ª ed.). Routledge.
- Bromberg-Martin, E. S. e Hikosaka, O. (2009). Midbrain Dopamine Neurons Signal Preference for Advance Information about Upcoming Rewards. *Neuron*, 63, 1, 119-126. <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2009.06.009>

- Cardoso, G., Paisana, M., Quintanilha, T. L., Pais, P. C. (março 2018). *Literacias na Sociedade dos Ecrãs*. Observatório da Comunicação. Disponível em <https://obercom.pt/literacias-na-sociedade-dos-ecra%CC%83s/>
- Cardoso G., Paisana, M. e Martinho, A. (2023). Digital News Report – Portugal 2023.
- Connery, T. B. (1992). *A Sourcebook of American Literary Journalism. Representative Writers in an Emerging Genre*. Greenwood Press.
- Coyne, M. S., Padilla-Walker, L. M., & Howard, E. (2013). Emerging in a digital world: a decade review of media use, effects and gratifications in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*, 1 (2), 125-137. <https://doi.org/10.1177/2167696813479782>
- Cull, B. W. (2011). Reading revolutions: Online digital text and implications for reading in academe. *First Monday*, 16(6). <https://doi.org/10.5210/fm.v16i6.3340>
- Cunningham, A. E. e Stanovich, K. E. (2001). What Reading Does for the Mind. Berkeley: *Journal of Direct Instruction*, 1, 2, 137-149.
- Damáσιο, A. (2017). *A Estranha Ordem das Coisas - A vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Delgado, P., Vargas, C., Ackerman, R., & Salmerón, L. (2018). Don't throw away your printed books: A meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. *Educational Research Review*, 25, 23-38. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.09.003>
- Fong, K. e Mar, R. (2011). Exposure to Narrative Fiction versus Expository Non-Fiction: Diverging Social Cognitive Outcomes. *De Stralende Lezer*, Delft: Eburon Academic, 55-68.
- Giles, F. e Hitch, G. (Fall 2017). Multimedia features as “narra-descriptive” texts: Exploring the relationship between literary journalism and multimedia, *Literary Journalism Studies*, 9, 74-91.
- Gutkind, L. (2007). *The Best Creative Non Fiction*. Vol. 1. Norton.
- Hartsock, J. C. (2000). A history of American literary journalism: the emergence of a modern narrative form. University of Massachusetts Press.
- Hersey, J. (1997). *Hiroshima*. Lisboa: Edições Antígona.
- Hivert, A. F. (21 maio 2023). “Too fast, too soon? Sweden backs away from screens in schools”. *Le Monde*.
- Holmes, D. (2005). *Communication Theory - Media, Technology and Society*. Sage.
- Hunter, M. L. (2013). *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos*. UNESCO Publishing.
- Inácio, R. e Trindade, A. (2017). Jornalismo Literário, direitos humanos e integração: um caso Português. *Cuadernos.Info*, 40, 235-249.
- Jacobson, S., Marino J. e Gutsche Jr R., (2016). The digital animation of literary journalism, *Journalism*, 17, 4, 527-546.
- Keeble, R. L. (2018). Literary Journalism as a Discipline: Tom Wolfe and Beyond. *Brazilian Journalism Research*, 14(3), 862. [doi.org/10.25200/BJR.v14n3.2018.1126](https://doi.org/10.25200/BJR.v14n3.2018.1126)
- Lemann, N. (2015). The Journalism in Literary Journalism. *Literary Journalism Studies*, 7(2), 50-59.

- Mangen, A., Walgermo, B. R. e Kolbjorn, Bronnick (2013). *Reading Linear Texts on Paper versus Computer Screen: Effects on Reading Comprehension*. Elsevier.
- Mangen, A. (2016). The digitalization of literary reading - Contributions from empirical research, *Orbis Litterarum*, 71, 3, 240-262.
- Mangen, A. e Kuiken, D. (2014). Lost in an ipad - Narrative engagement on paper and tablet, *Scientific Study of Literature*, 4, 2, 150-177.
- Mar, R. (2004). The Neuropsychology of narrative: story comprehension, story production and their interrelation, *Neuropsychologia*, 42, 1414-1434.
- McLuhan, M. (1964). *Understanding Media*. Routledge.
- Miall, D. S. e Kuiken, D. (2002). A Feeling for Fiction: Becoming what we behold, *Poetics*, 30, 4, 221-241.
- Nery, I. (2021). *Jornalismo Literário: Aspectos Cognitivos da Informação*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/23422?mode=full>
- Phillips, N. (2011). Distraction as Liveliness of Mind: A Cognitive Approach to Characterization in Jane Austen. *Theory of Mind and Literature*. Purdue University Press, 105-122.
- Sigman, M. (2018). *A Vida Secreta da Mente - O nosso cérebro quando decidimos, sentimos e pensamos*. Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Sims, N., Kramer, M., eds. (1995). *Literary Journalism. A New Collection of the Best American Nonfiction*. Ballantine Books.
- Soares, I. (2017). At the Intersection of Risk - When Literary Journalism and Sociology Study Urban Problems by means of Akin Methodologies. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 84, 63-80.
- Trindade, A. D. (2016). Angola- territory and identity. Chronicles by Luís Fernando. *Revista Famecos*. Porto Alegre, 23.
- Trindade, A. D. (Fall 2012). What will the Future Bring. *Literary Journalism Studies*, 4, 2, 101-105.
- Trindade, A. D. (2006). *News That Last – Quatro Momentos de Jornalismo Literário Americano no século XX*. Tese de Doutorado no ramo de Estudos Americanos. Universidade Aberta, Lisboa.

## Apêndice

### PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO

**1. A leitura de informação/textos jornalísticos em papel ou dispositivos eletrónicos é diferente?**

Sim

Não

**2. Quando lês em papel assimilas melhor a informação?**

Sim

Não

**3. Qual dos suportes é o mais adequado para uma leitura imersiva (memorização, estudo ou compreensão de um tema)?**

Papel

Dispositivo eletrónico

Indiferente

**4. Em média, quanto tempo ocupas por dia com a leitura de não-ficção (sem contar com textos académicos)?**

0 – 15 min

16 – 30 min

31 – 60 min

1h – 2h

2h – 5h

**5. Em média, quanto tempo ocupas por dia com leitura de ficção?**

0 – 15 min

16 – 30 min

31 – 60 min

1h – 2h

2h – 5h

**6. Já ouviste falar em jornalismo literário ou novo jornalismo?**

Sim

Não

**7. Para ti o jornalismo literário ou novo jornalismo é:**

(1) Jornalismo sobre literatura

(2) Jornalismo baseado em factos, mas que pode recorrer à ficção

(3) Jornalismo que reporta factos num estilo literário

**8. Alguma vez leste um texto de jornalismo literário ou novo jornalismo?**

Sim

Não

Não sei

**9. Destes autores, quais identificas como autores de jornalismo literário ou novo jornalismo:**

(1) John Hersey

(2) Truman Capote

(3) Tom Wolfe

(4) Pedro Rosa Mendes

(5) Joan Didion

(6) Octávio Ribeiro

PASSAGENS SUBLINHADAS PELOS ALUNOS COMO SENDO AS MAIS IMPACTANTES

Texto 1

“Dos 150 médicos existentes em Hiroshima, 65 estavam mortos e os restantes estavam, na maioria, feridos. Das 1780 enfermeiras, 1654 estavam igualmente mortas ou impossibilitadas de agir.”

“Perplexo com o número de vítimas, zozzo com tanta carne exposta, o Dr. Sasaki perdeu todo o senso profissional e parou de agir como cirurgião habilidoso e homem solidário; tornou-se um autômato, limpando, engessando e enfaixando mecanicamente; limpando, engessando e enfaixando mecanicamente.”

“A multidão que se aglomerava no interior do hospital chorava e gritava, enquanto os que apresentavam ferimentos menores puxavam o médico pela manga. Perplexo com o número de vítimas, zozzo com tanta carne exposta, o Dr. Sasaki perdeu todo o senso profissional e parou de agir como cirurgião habilidoso e homem solidário; tornou-se um autômato.”

“Esse pensamento inspirou-o a agir.”

“Numa cidade de 245 mil habitantes, cerca de 100 mil haviam morrido ou iriam morrer em breve; outros 100 mil estavam feridos.”

Texto 2

“Além da explosão, estes feridos corriam o risco de morrer afogados quando a maré subisse.”

“Há relatos de nuvens de poeira e de um pelotão de soldados que tinham estado a cavar a encosta para construir um dos milhares de abrigos em que os japoneses pretendiam resistir à invasão. Os soldados tiveram de deixar a escavação devido aos ferimentos graves.”

“Mas os profissionais rapidamente se depararam com queimaduras em número tão elevado que obrigou a deixarem para trás os feridos de menor gravidade.”

“Apesar da violência da explosão, praticamente ninguém em Hiroshima se lembra de ter ouvido qualquer barulho produzido pela bomba.”

“Com consultórios e hospitais destruídos, equipamento disperso e os próprios corpos incapacitados em diferentes graus, os feridos não puderam receber os cuidados necessários. Tal cenário ajuda a explicar por que morreram tantos cidadãos que podiam ter sido salvos.”